

Escritores moçambicanos no limiar de nova fase

A Associação dos Escritores Moçambicanos completou no passado dia 31 de Agosto um ano de vida. Vários acontecimentos marcaram a data, tendo sido reafirmada a decisão de continuarem a empunhar a mesma arma que o Povo, na edificação do socialismo em Moçambique.

E o empunhar da mesma arma foi reafirmado de várias formas. Primeiro, com a deposição de uma coroa de flores no Monumento aos Heróis Moçambicanos, em Maputo, numa cerimónia que contou com a presença do Secretário de Estado da Cultura, Luís Bernardo Honwana, do Secretário-Geral da Associação dos Escritores Moçambicanos, Rui Nogar, e outros membros daquela frente de combate cultural. Seguiu-se um encontro na Biblioteca Nacional. Com a participação de membros da AEM e trabalhadores da Biblioteca Nacional foram discutidos vários temas, com particular destaque para o papel do escritor moçambicano no processo revolucionário em curso.

Revestiu-se de particular significado e interesse um encontro realizado ao fim da tarde de quarta-feira passada, no mesmo local onde um ano antes havia sido

criada a associação, mais concretamente no edifício do Conselho Executivo da Cidade de Maputo. O tema daquilo a que inicialmente se chamou «palestra», era «Literatura Moçambicana». Para apresentá-lo foi convidado o membro do Comité Central do Partido Frelimo e Reitor da Universidade Eduardo Mondlane, Fernando Ganhão.

O encontro teve a antecedência de uma breve apresentação de um grupo de jovens, apresentado como «Brigada Jovem», que de forma genial colocaram instrumentos musicais (uma viola e dois grupos de tambores) ao serviço da transmissão da mensagem poética. Seus jogos de vozes emprestaram uma força especial àquilo que os poetas haviam escrito, dando uma nova dimensão aos poemas. A primeira apresentação da «Brigada Jovem» foi por isso muito bem recebida e enriqueceu o pro-

grama de celebrações do 1.º aniversário da Associação dos Escritores Moçambicanos.

ÁGUA REGA ERVA VERDE

O Secretário-Geral Rui Nogar abriu o encontro, apresentando em breves palavras o compromisso assumido pela Associação, o empunhar, como cidadãos, as mesmas armas no combate pela revolução socialista, e o trabalho desenvolvido ao longo do ano que terminara.

«Algumas questões colocadas, há um ano nesta sala, continuam a ser pertinentes», disse a certo ponto da sua intervenção Fernando Ganhão, apresentando-as como temas de debate, uma vez que não se deslocara ali para uma palestra. Na primeira das questões colocou o facto de muitíssimo pouco se ver publicado, no ano que passou, dando especial atenção à ausência de problemas actuais, como

tema dos escritores moçambicanos. Citou a fase aguda da luta de classes, o combate aos bandos armados, as sequelas coloniais aos vários níveis que se reflectem no dia-a-dia dos cidadãos e que, necessariamente, abrangem o escritor, afirmando que «não podemos ser alheios à construção daquilo em que acreditamos». Realçou a necessidade dos jovens escritores se identificarem com o esforço que

o Povo moçambicano faz na edificação do socialismo e a importância de relatarem as suas opções e a forma como vêem determinadas questões actuais, que não passam despercebidas. Perguntou, a propósito, «será que nos adaptamos a viver com bichas?», apontado como um dos temas dos nossos dias, entre tantos outros, e sobre os quais os jovens autores se deveriam debruçar.

Como segundo ponto geral introduziu a questão da língua a ser utilizada. A língua portuguesa, veículo da consolidação da unidade nacional, é estrangeira para a grande maioria do Povo moçambicano, disse, deixando bem claro que continuaria a cumprir essa tarefa. «Como sair desse dilema?», observou.

Seguiram-se depois várias intervenções dos presentes, que abor-



O Presidente Samora Machel quando acabava de receber o Diploma AEM que o consagra como membro daquela associação. A seu lado, Rui Nogar, Secretário-Geral da Associação dos Escritores Moçambicanos

«Escrevamos, é preciso escrever», disse repetidas vezes o Presidente Samora Machel, quando na tarde de segunda-feira recebeu uma delegação da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEM), que fez a entrega ao dirigente máximo da Revolução moçambicana de um diploma de membro de honra da Organização.

Na ocasião o Secretário-Geral da AEM, Rui Nogar, disse; em nome dos membros daquela organização, as razões que levaram àquela atribuição. «Todo o dirigente que subscreva e enriqueça a mensagem de fraternidade, de harmonia que deve presidir na articulação dos homens e das sociedades entre si, cala profundamente no âmago recriador da memória dos povos», refere a mensagem lida na ocasião, dando uma clara imagem do perfil do Pre-

sidente Samora Machel. Numa longa intervenção o Presidente Samora Machel situou os escritores no complexo contexto histórico, político e cultural moçambicano. Abordando a temática que deve preocupar os escritores e considerando importante lembrar o passado de contestação intelectual disse que «não queremos viver do passado». Prosseguindo e referindo-se aos escritores, afirmou que «há muitos problemas que vocês não abordam». Introduzindo o facto de a sociedade moçambicana, ser complexa o Presidente Samora Machel convidou os escritores, a estudarem as realidades do País para escreverem e encontrarem no povo uma fonte de inspiração e não somente aquele que consome o seu produto de trabalho.

daram questões como a falta de apoio que os jovens autores têm tido, desde o tempo em que a actividade era centralizada pelo Instituto Nacional do Livro e do Disco. O necessário apoio dos Órgãos de Informação na divulgação dos trabalhos dos novos escritores foi também abordado, tendo sido esclarecido que os meios de comunicação social passarão a dedicar especial atenção à questão, através da publicação de originais. Propôs-se também que os escritores veteranos deviam iniciar um trabalho de crítica literária, fun-

damentalmente em relação aos textos dos iniciados.

Sobre a ausência de temas recentes, dos nossos dias de hoje, foi apontada a existência da autocensura, motivada pelo facto de isso implicar o que é considerado como «uma certa ousadia» e também porque os Órgãos de Informação abordam pouco essas questões. Um outro ponto levantado relacionou-se com o trabalho de dinamização cultural que a Associação dos Escritores Moçambicanos tem vindo a desenvolver. Foi dito «que im-

não sabe ler», tendo igualmente sido referida a importância da AEM ir recolher a literatura oral nas línguas nacionais, aspecto em que de um modo geral em países como o nosso, é grande a sua existência. Um outro ponto mereceu particular atenção dos presentes: a necessidade de se realizarem mais encontros do género do que foi realizado no 1.º aniversário daquela Associação. Propôs-se mesmo que se estabelecesse a periodicidade semanal, para o efeito.

A. C.
